

BLACK PANTHER: DISCURSOS, IDENTIDADES E GÊNEROS

Simone de Sousa Ferreira

Universidade do Estado da Bahia

Janaina de Jesus Santos

Universidade do Estado da Bahia

Resumo: Esta pesquisa tem como propósito analisar discursivamente a noção de identidade afrodescendente, atravessada por corpo, gênero e etnia. Para isso, iremos selecionar, recortar e analisar enunciados audiovisuais do filme *Black Panther* (*Pantera Negra*, Ryan Coogler, EUA, 2018). A fim de compreender os discursos na sociedade contemporânea, assumimos os referenciais teórico-metodológicos da Análise do discurso, com contribuições de Foucault (2009, 2012, 1995) além de outros estudiosos como Gregolin (1995). No entrecruzamento com os estudos culturais, convocamos Fanon (1980) na abordagem da africanidade, Scott (1990) e Davis (2016) com estudos de gênero, os pressupostos de Hall (2003) sobre identidade e Munanga (2012) especificamente a respeito de identidade negra. Outra articulação dá-se com os estudos do cinema e mídia com Jullier e Marie (2009), Aumont (1995) e Bordwell (2014) sobre o cinema e as estratégias fílmicas, além de Borges e Borges (2012) sobre mídia e racismo. Os resultados apontam que o filme *Black Panther* dá visibilidade a discursos da igualdade ao centralizar o corpo negro como protagonista da narrativa e, principalmente, no papel de herói na sociedade altamente tecnológica de Wakanda. Concluimos que a ficção hollywoodiana é consoante com as pautas atuais de reivindicação de direitos das minorias representativas em um mundo ainda pautado por preconceito e racismo.

Palavras chave: Africanidade. Discurso. Identidade.

Palavras iniciais

Tradicionalmente, as indústrias cinematográficas hollywoodianas mostram os corpos brancos e os costumes burgueses, trazendo uma visão estereotipada de etnia, classe e gênero. Recentemente, a Marvel lançou o filme *Black Panther* (traduzido no Brasil como *Pantera Negra*, dirigido por Ryan Coogler, EUA, 2018) que traz uma grade de atores negros para a narrativa, gerando uma visibilidade para o protagonismo negro, em oposição à maioria dos filmes produzidos desde o início do século XX.

Atualmente, a sociedade globalizada está com um aparato tecnológico que permite a comunicação e a visibilidade de objetos midiáticos com grande rapidez, de modo que há

uma popularização da produção e do consumo. Acreditamos que a circulação de discursos de valorização dos diferentes povos e culturas possibilita o reconhecimento das identidades e das pessoas como pertencentes à sociedade. Portanto é necessário que haja investidas práticas que associem identidade, africanidade e corpo negro no audiovisual para romper as relações de racismo e violência no cotidiano.

Pensamos que, para analisar um filme em sua globalidade, requer além de interpretação, a teoria e a metodologia para desvendar a linguagem cinematográfica.

Ao se falar sobre a africanidade na escola, é necessário abordar como são colocadas a cultura e a identidade negras no mundo.

Nosso objetivo maior é discutir as identidades afro-brasileiras no contexto atual, a partir do filme *Black Panther* como ficção privilegiada para abordar temas transversais referentes ao corpo negro. Daí, elegemos os seguintes objetivos específicos: identificar os enunciados que tratam de identidade, corpo e etnia no filme *Black Panther*.

Noções de discurso e enunciado

Nesta seção, abordaremos teoricamente as noções de discurso e enunciado, na perspectiva do filósofo Michel Foucault (2012) e da leitura da analista do discurso Maria do Rosário Gregolin (1995). De acordo com Foucault (2012), o discurso é a reverberação de uma verdade diante de nossos olhos, de modo que ele se dá a ver e expressa a sua verdade diante de uma realidade que precisa ser escavada e analisada para conhecermos e voltarmos para nossa constituição de sujeito. Em suas palavras:

E quando tudo pode, enfim, tomar a forma de discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá por que todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. (FOUCAULT, 2012, p. 49)

O discurso se manifesta e, nas tramas da história, ganha sentido não sendo óbvio. A Análise do discurso se propõe a entender o funcionamento dos ditos e propõe lentes que nos fazem enxergar muito além do enunciado materializado.

Para Foucault (2012 p. 70), "a análise do discurso, assim entendida, não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra a luz do dia com um poder fundamental de afirmação". Nesse sentido, entendemos que a Análise do discurso tem por objeto os discursos e analisa a produção de sentidos de um determinado discurso historicamente

determinado, trazendo suas afirmações para entendermos sua existência histórica. Foucault (2012) afirma, igualmente, que os discursos surgem de maneira espontânea e que depois de se manifestarem são submetidos à seleção e ao controle. Nesse sentido, o filósofo assevera que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorar-nos”. (FOUCAULT, 2003a, p. 3). Os discursos, assim, têm uma emergência própria e são submetidos a um ordenamento que seleciona aqueles que circularão e aqueles que serão silenciados.

Nesse mesmo sentido, Gregolin (1995, p.17) aponta que "ao analisarmos o discurso estaremos inevitavelmente diante da questão de como eles se relacionam com a situação que o criou". É necessário identificar a historicidade que possibilitou a emergência de um discurso, bem como os outros discursos em embate para existir.

Outra noção foucaultiana basilar para nosso estudo é o enunciado, elemento histórico tal qual o discurso. Foucault (2008, p. 99) o define como

[...] uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem de que signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação [...] ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos no tempo e no espaço.

Então, o enunciado se concretiza por suas próprias condições de existência na rede de outros enunciados que o antecederam e aqueles que o sucederão, sendo que a produção de sentidos se vincula à memória e reatualiza outros enunciados. Nessa direção, Fernandes (2008, p. 41) afirma que “Os enunciados, assim como os discursos, são acontecimentos que sofrem continuidade, descontinuidade, dispersão, formação e transformação, cujas unidades obedecem a regularidades, cujos sentidos são incompletamente alcançados.”.

Pensamos a partir de Foucault (2008, p. 107), ao afirmar que “[...] o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data [...]”, que os filmes podem ser considerados como enunciados audiovisuais compostos por enunciados menores. Os filmes seriam, assim, superfície de discursos, visto que a linguagem audiovisual os materializa e os possibilita circular na sociedade, em determinados tempo e espaço. Daí, estendermos a compreensão de enunciado para a amplitude do audiovisual, pois as “[...] imagens se unem a palavras e sons para produzir efeitos de sentido.” (SANTOS, 2011, p. 10).

Identidade

Atualmente, o mundo globalizado coloca os sujeitos e as identidades em deslocamento constante, fazendo com que não se pense em uma identidade definitiva e essencialista (HALL, 2003). Antes, pensa-se em identidades em movência e errância pelas diferentes funções e estruturas sociais. Podemos perceber que o sujeito e a identidade são uma busca constante na sociedade devido à dificuldade de lhe fixar.

Os discursos no cinema dão visibilidade a novos sujeitos e identidades com seus diversos cenários, enredos, personagens, conteúdos e produção de desejos. Nessa perspectiva, Borges e Borges (2012, p.121) concordam que "a mídia pode ser considerada um agente/ fator fundamental na alteração do comportamento, interferindo inclusive no próprio processo de emergência da identidade".

Para Munanga (2012, p.10), no processo de construção da identidade coletiva negra, é preciso resgatar sua história e autenticidade, desconstruindo a memória de uma história negativa que se encontra na historiografia colonial ainda presente em "nosso" imaginário coletivo e reconstruindo uma verdadeira história positiva capaz de resgatar sua plena humanidade e autoestima destruída pela ideologia racista presente na historiografia colonial.

Para Scott (1990, p, 75) "O termo "gênero", além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro". Podemos dizer que o gênero se tornou um estudo social, sobre a análise de gênero Scott (1990, p. 77) acredita que pode ter três posições teóricas, sendo:

A primeira, uma tentativa inteiramente feministas, empenha-se em explicar as origens do patriarcado. A segunda se situa no interior de uma tradição marxista e busca um compromisso com as críticas feministas. A terceira, fundamentalmente dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas de relação do objeto (object-relation theories), se inspira nessas diferentes escolas de psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito.

Trata-se de estudos para entender o termo gênero e como fazer para entender a pluralidade do seu termo no campo dos estudos feministas. Em seus estudos sobre gênero, Davis (1981) aborda que as mulheres negras eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero.

Nesse horizonte, pensamos que centralizar o corpo negro em narrativas hollywoodianas pode fazer circular sentidos valorativos para as identidades afrodescendentes e, especificamente, afrobrasileiras.

Desvendando o cinema

Depois de trazer as noções discursivas, abordaremos as especificidades da materialidade da cinematográfica, o cinema e, mais especificamente, o cinema hollywoodiano, na perspectiva de autores, como Jullier e Marie, Aumont e Bordwell.

De acordo com os estudiosos franceses Jullier e Marie (2009), ao longo da história do cinema de um país ou continente, as concepções diferentes de arte cinematográfica se sucederam e que para “ler o cinema” não existe um código ou alguma receita milagrosa, sendo que, muitas vezes, falar do filme em sua globalidade é apenas um exercício de interpretação. A maioria dos filmes trazem uma mensagem, mas nem todo espectador é capaz de analisar sua mensagem.

Aumont (1995, p.157) afirma que “a fim de provar que o cinema era de fato uma arte, era preciso dotá-lo de uma linguagem específica, diferente da linguagem da literatura e do teatro”. E alerta sobre os perigos:

Mas atribuir-lhe uma linguagem era arriscar-se a congelar suas estruturas, passar do nível da linguagem ao da gramática; desse modo, em virtude do caráter muito impreciso da palavra, a utilização de "linguagem" a propósito do cinema deu lugar a múltiplos mal entendidos. Estes últimos balizam a história da teoria do cinema até hoje e encontram sua formulação nas noções de "cinelíngua", gramática do cinema, "cine-estilística", retórica fílmica etc.

O teórico destaca a necessidade que o cinema teve, em seus primórdios, de se diferenciar das outras manifestações artísticas. Daí, a busca da linguagem própria no amálgama de arte e tecnologia. O autor, ainda, argumenta que a linguagem cinematográfica é determinada pela história e a narratividade, os caminhos percorridos pelo cinema se basearam por fatos históricos e se adaptaram à realidade atual.

Aumont (1995, p. 17) relaciona cinema “[...] a uma instituição, no sentido jurídico-ideológico, a uma indústria, a uma produção significativa e estética, a um conjunto de práticas de consumo [...]”. Segundo o teórico francês, um filme é como uma unidade econômica na indústria do espetáculo, não é menos específico do que o filme considerado como obra de arte. E, muitas vezes, estas indústrias só estão preocupadas com o lucro, sem

assumir posicionamento político que retire grupos sociais da situação de marginalizados culturalmente.

Ao tratar especificamente sobre o cinema hollywoodiano, Bordwell (2005, p. 298-299) assevera que “Em razão de sua centralidade no comércio cinematográfico internacional, o cinema hollywoodiano exerceu forte influência sobre a maioria dos outros cinemas nacionais”. Ou seja, no início do século XX, os estúdios americanos criaram o padrão para o fazer fílmico para mundo. Portanto, o cinema hollywoodiano teve e tem muita influência sobre cinemas de outros países e que muitos filmes são produzidos baseados nos modelos americanos.

Bordwell (2005, p. 278) caracteriza o filme hollywoodiano clássico como aquele que “[...] apresenta indivíduos definidos [...] os personagens entram em conflito com outros [...] e finaliza com uma vitória ou derrota decisivas.” Ele continua dizendo que “[...] o personagem mais distinto é o do protagonista, que se torna o principal agente causal, alvo de qualquer restrição narrativa e principal objeto de identificação do público”. Esse cinema, pois, tem características maniqueístas, em que o mocinho branco e americano, na maioria das vezes, representa o bem e o belo e é defensor da verdade e da justiça.

Percurso metodológico

Nosso estudo está sustentado teórico-metodologicamente na Análise do Discurso de tradição francesa, com contribuições foucaultianas. Pela especificidade dos objetivos, assumimos a abordagem qualitativa do filme, de modo que o método arqueogenalógico foucaultiano será colocado em funcionamento para alcançarmos camadas mais profundas de sentido no audiovisual e compreender as identidades negras. Analisamos o filme original em inglês *Black Panther*, valendo-nos da linguagem verbal em inglês, bem como da imagem em movimento própria aos planos cinematográficos.

Após assistir ao filme *Black Panther*, selecionar e recortar enunciados audiovisuais, compomos as sequências de enunciados com base nos objetivos de identificar os enunciados que tratam de identidade, corpo e etnia

O momento seguinte é marcado pelo batimento entre descrição e análise, como preconizado pela analista Gregolin (2004, p. 71): inicialmente, tomamos “elementos que possam ser articulados entre si e que fornecem um panorama coerente das condições de produção de um saber de certa época.” Assumimos como critério para seleção dos

enunciados do filme que sejam cenas representativas do sujeito negro e que componham o regime de regularidade de sentidos no filme.

Seguimos a análise discursiva utilizando a arqueogenealogia foucaultiana e buscamos articulações com os estudos identitários, ancoradas em Fanon (1980), que aborda a africanidade; Scott (1990) e Davis (2016) sobre gênero; os estudos de Hall (2003) e Munanga (2012) para tratar especificamente de identidade negra; e Borges e Borges (2012) para pensar a mídia e o racismo. Buscamos observar como os discursos produzem o corpo negro e as identidades nos atravessamentos das relações de poderes e saberes próprios à sociedade atual.

Foucault afirma que é necessário “a partir do próprio discurso, do seu aparecimento e da sua regularidade, ir até às suas condições externas de possibilidade, até ao que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e que lhes fixa os limites”. Quatro noções devem servir, por conseguinte, de princípio regulador à análise: a de acontecimento, a de série, a de regularidade, a de condição de possibilidade.” (FOUCAULT, 1970, p. 53).

Na esteira de Foucault (2009), não analisaremos o filme como um documento em que se faz rastros falarem; mas como monumento, cuja descrição faz com que elementos sejam desdobrados, isolados, agrupados, inter-relacionados e organizados em conjuntos.

No horizonte das constatações do filósofo e do próprio método que a Análise do discurso propõe, tomamos o filme como ponto de partida para refletir sobre a produção de sujeitos em nossa sociedade.

Analisando o filme Black Panther

O Pantera Negra ou, como é chamado no filme, T'Challa não é só um herói da Marvel, ele chamou a atenção do público por ser um herói negro em meio a tantos outros brancos que protagonizaram filmes anteriores. O personagem foi criado em 1966, pelo escritor Stan Lee e o ilustrador Jack Kirby, para a trama de *Fantastic Four*. Ele era o rei de Wakanda e contava com um intelecto genial, alta tecnologia e habilidade em artes marciais. Para demonstrarmos a especificidade do filme, iremos analisar alguns enunciados recortados que apontam a formação de sujeitos negros em uma sociedade atual:

Figura 1: O reino de Wakanda



Fonte: Imagens capturadas diretamente do filme *Black Panther*.

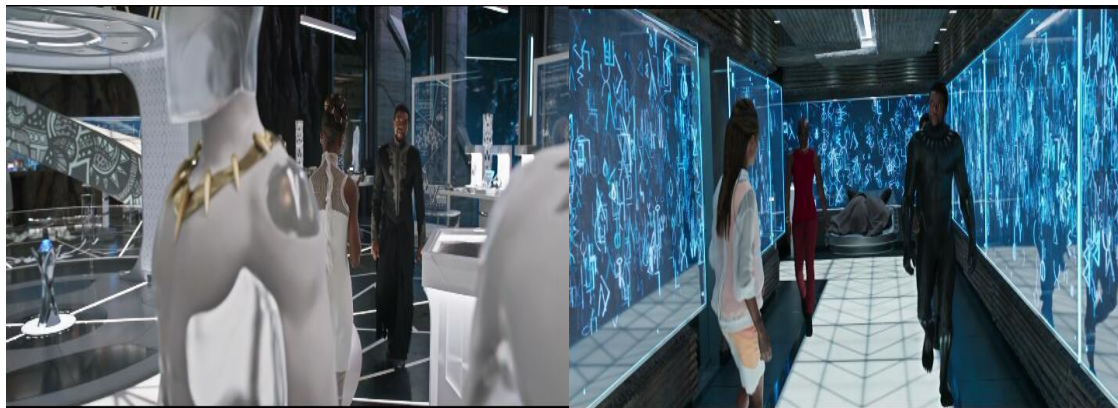
No primeiro enunciado, observamos o enquadramento que mostra o herói sozinho no quadro, de modo que lhe atribui um lugar de importância e valorização de sua função na narrativa. Essa forma de mostrar deixa ver os detalhes do corpo do personagem. A identidade negra é marcada nesse mesmo enunciado pelos traços faciais e físicos: nariz largo e grande, boca carnuda, cabelos crespos e força corporal e ancestral, simbolizadas através das pinturas no corpo.

O segundo enunciado ratifica a presença da cultura africana por meio dos figurinos dos personagens, que, por consequência, ressalta ainda mais os elementos de identidade e cultura africana. Mostra e reafirma pela repetição a centralidade dessa cultura, colocando-a como representação da maioria e não como a exceção, o estranho ou o folclórico. A composição do quadro ressalta a beleza do conjunto dos personagens e seus costumes, o que produz uma leitura de respeito ao negro e o tira do sentido cristalizado da situação de pobreza de marginalidade.

Ainda, interpretando as cenas do filme, refletimos como o reino de Wakanda se caracteriza pela alta tecnologia e a possibilidade de ilustrar o reino dos sonhos e de como aborda as questões de africanidade. Seguindo as pistas dos enunciados, nas primeiras cenas em que o herói é apresentado ao público, a câmera o focaliza em primeiro plano.

Seguindo os enunciados:

Figura 2: Laboratório do reino de Wakanda



Fonte: Imagens capturadas diretamente do filme *Black Panther*.

Na narrativa, o herói segue o velho roteiro hollywoodiano: num cenário sombrio e assustador, a mocinha está em perigo e, no momento de suspense, o Pantera Negra surge e a salva. T'Challa retorna ao reino de Wakanda, localizado na África, após a morte do seu pai, então rei. Mais uma vez, o personagem é mostrado com grandeza, no primeiro plano e com a câmera centralizada para demonstrar a sua triunfal chegada ao reino.

Os fotogramas acima mostram o laboratório do reino de Wakanda, altamente tecnológico, em oposição aos discursos em circulação nas diversas mídias da África, como um país pobre e vulnerável. Mas por que Wakanda luta para esconder o seu poder tecnológico do resto do mundo? O reino possui uma fonte de poder tecnológico que é extraído do metal chamado “vibranium”. Eles se escondem por receio do restante do mundo tentar tomar a sua jazida preciosa e também por conta da miséria que assola o continente africano.

O que essas cenas têm em comum é a regularidade de como o personagem principal aparece, o que é um clichê no cinema americano. Entretanto, o herói em questão não é o herói branco tradicional. T'Challa, o herói Pantera Negra, é mostrado em um corpo negro com traços de um afrodescendente: cabelo crespo, nariz largo e lábios carnudos, como as cenas ressaltam. Além disso, é destacado que o herói é do continente africano, bem como a maior parte da narrativa acontece em Wakanda, localizado dentro do contexto da narração na África.

Wakanda seria apenas um reino dos sonhos em que traz uma grade de atores negros abordando que a africanidade está marcada pela consciência que o povo Wakandiano tem de guardar seus costumes, suas reservas naturais e o seu potencial tecnológico, diferente de outros filmes já vistos. Ainda assim, podemos repensar sobre como o negro e suas questões culturais são abordados nas mídias.

Nos estudos de Fanom (1980), ele fala de como a sociedade liga o negro à África ainda, o africano como inferiorizado e desprezado com algumas exceções de alguns raros

“evoluídos”. Na sociedade contemporânea e nos meios de comunicação são correntes esses tipos de associação da cultura negra, do corpo negro e da África à escravidão. Segundo Fanon (1980, p. 41), “o racismo avoluma e desfigura os rostos da cultura que o pratica. A literatura, as artes plásticas, as canções para costureirinhas, os provérbios, os hábitos, os *patterns*, quer se proponham fazer-lhe o processo ou banaliza-lo, restituem o racismo”.

Black Panther nos mostra como é possível desmistificar a representação do senso comum sobre alguns países pobres africanos que passaram pelo processo de colonização europeia que a mídia explora apenas as dificuldades. Adichie (2009) nos fala sobre o perigo de conhecer apenas uma história e do preconceito que sofreu pelo fato de as pessoas remeterem a sua etnia com o continente africano e sentidos pejorativos veiculados pela mídia que acaba criando estereótipos.

Nos enunciados abaixo, iremos mostrar a representação de gênero, nesse contexto:
Nos enunciados imagéticos abaixo, iremos buscar a representação de gênero, nesse contexto:

Figura 3: A mulher no filme



Fonte: Imagens capturadas diretamente do filme *Black Panther*.

O primeiro enunciado, mostra em destaque a rainha, a princesa e o exército feminino de Wakanda. Já no segundo enunciado, a construção do plano coloca o exército ao fundo e destaca a centralidade do novo rei. A comparação das duas cenas deixa ver uma oposição: enquanto o reino estava regido por preceitos de harmonia, confiança e segurança, o plano mostra a união e visibilidade dos sujeitos; porém, quando o reino é governado pelo traidor, a atmosfera de escuridão invisibiliza os sujeitos e centraliza apenas o monarca. Em consonância com a narrativa, os enunciados reafirmam os discursos de que, ao mesmo tempo em que as mulheres monitoram, elas também são comandadas, demonstrando que as

mulheres exercem poder, mas têm a função principal de dar suporte aos homens. E ao mesmo tempo que o filme propõe centralizar o negro, é o negro homem e não o negro mulher.

Então, na superfície os enunciados parecem apontar para a inovação discursiva, mas olhando em nível mais profundo percebemos que se trata da reafirmação dos discursos em circulação. Isto é, o lugar reservado ao sujeito mulher negra continua sendo de coadjuvante ou segundo plano na narrativa.

Palavras finais

Considerado o cinema como um lugar de discurso, acreditamos que *Black Panther* apresenta uma visão positiva do corpo, da cultura e dos costumes de povos africanos, preservando as suas raízes da predação deixada pela colonização europeia e dos enunciados midiáticos. O herói negro mostra traços e figurinos de identidade de origem africana, diferente da maioria dos filmes de heróis da Marvel. Por outro lado, a representatividade feminina nos mostra que apesar das mulheres terem ganhado destaque no filme, o sujeito mulher negra continua como coadjuvante em relação ao homem negro.

Com isso, o audiovisual pode se tornar um instrumento pedagógico potente no âmbito educacional, promovendo debates contra o racismo e promovendo a igualdade racial. Os resultados apontam que o filme *Black Panther* dá visibilidade a discursos da igualdade ao centralizar o corpo negro como protagonista da narrativa e, principalmente, no papel de herói na sociedade altamente tecnológica de Wakanda. Concluímos que a ficção hollywoodiana é consonante com as pautas atuais de reivindicação de direitos das minorias representativas em um mundo ainda pautado por preconceito e racismo.

É necessária a produção e circulação de filmes, músicas, vídeos etc. que valorizem a cultura africana e o corpo negro para possibilitar a emergência de identidades, o processo de reconhecimento de uma grande parcela da população brasileira, o engrandecimento da contribuição técnico-científica e o respeito como ser humano.

Referências

Black Panther. Direção: Ryan Coogler. Produção: Kevin Feige, EUA: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2018, 1h 34min.

ADICHIE, Chimamanda. **O Perigo de uma única história**. Apresentação na conferência TED (Technology, Entertainment, Design) 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br

AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. Tradução de Marina Appenzeller; São Paulo: Papirus, 1995.

BORDWELL, David. **O cinema clássico hollywoodiano: normas e princípios narrativos**. em: RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). Teoria contemporânea do cinema :documentários e narrativa ficcional. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.p.277-301.

BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane. **Mídia e Racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, 2012.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Traduzido por Heci Regina Candiani. 1. Ed. São Paulo: 2016.

Fanom, Franz. **Em Defesa da Revolução Africana**. Tradução de Isabel Pascoal; Lisboa: Augusto de Sá, 1980.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. **A ordem do discurso**. Loyola. São Paulo, 2012.

_____. **Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermêutica**. Trad. de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

GREGOLIN, Maria do Rosário. A análise do discurso: conceitos e aplicações. São Paulo: **Alfa**, v.39, p.13-21, 1995.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organizado por Liv Sovik; Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. **Lendo as imagens do cinema**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Senac, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?** Revista da ABPN, v.4, n.8, 2012.

SANTOS, Janaina de Jesus. **À meia-noite levarei sua alma: investigações sobre memória no cinema de horror.** Londrina: 2011.

SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria útil de análise histórica: Educação e realidade.** Porto Alegre: Faculdade de Educação da UFRGS, v.16, n.2, p5-22, jul. /dez.1990.

SOBRE AS AUTORAS

Simone de Sousa Ferreira

Graduanda em letras/ língua inglesa e literatura pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Integrante do Laboratório de Estudos do Audiovisual e do Discurso-AUDiscurso/CNPq/UNEB. monyferreiraiga@gmail.com

Janaina de Jesus Santos

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho- UNESP. Professora adjunta na Universidade do Estado da Bahia. UNEB/Campus VI. Atua no Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade - PPGELS/UNEB e lidera o Laboratório de Estudos do Audiovisual e do Discurso - AUDiscurso/UNEB/CNPq. jjsantos@uneb.br